

ISSN 1415-4498

*M*ANUSCRÍTICA

REVISTA DE CRÍTICA GENÉTICA *13*


ANNA BLUME

ASSOCIAÇÃO DE PESQUISADORES DO
manuscrito
L I T E R Á R I O

mANUSCRÍTICA

REVISTA DE CRÍTICA GENÉTICA

SÃO PAULO – JANEIRO de 2005

<http://utopia.com.br/apml>

<http://www.fflch.usp/dlm/napcg>

Conselho Editorial

ALMUTH GRÉSILLON

AMÁLIO PINHEIRO

JULIO CASTAÑON

RAUL ANTELO

ROBERTO BRANDÃO

WILLI BOLLE

YEDDA DIAS LIMA

Editoria Científica

CECILIA ALMEIDA SALLES

PHILIPPE WILLEMART

SÔNIA M. VAN DIJCK LIMA

TELÊ ANCONA LOPEZ

Diretoria Editorial

CECILIA ALMEIDA SALLES

Projeto Gráfico e Capa

LUCIANO GUIMARÃES E DENISE PAIERO

Ilustração de capa

PARTITURA DE VITOR KISIL

Paginação

RAI LOPES

Editor Responsável

JOSÉ ROBERTO BARRETO (Mtb 21 287)

Revisão Especializada

MARLENE GOMES MENDES

Vendas

Annablume Editora e Comunicação Ltda.

Rua Padre Carvalho, 275 – Pinheiros

05427-100 – São Paulo – SP

Fone/Fax: (011) 3812-6764

<http://www.annablume.com.br>

SUMÁRIO

EDITORIAL7
CECILIA ALMEIDA SALLES

DEPOIMENTO DO ESCRITOR ANTÔNIO CALLADO9

ARTIGOS

DA CRÍTICA DO PROCESSO À CRÍTICA AO PROCESSO 43
CLÁUDIA AMIGO PINO

A VISÃO EXISTENCIALISTA DA CRIAÇÃO LITERÁRIA POR
JEAN-PAUL SARTRE 73
KLEBER PEREIRA DOS SANTOS

POR UMA EPOPÉIA DO PROVISÓRIO: O LUGAR DOS CADERNOS
NA RELAÇÃO ENTRE PAUL VALÉRY E A HISTÓRIA 95
ROBERTO ZULAR

UMA TEORIA EM CONSTRUÇÃO: FREUD E A CRIAÇÃO
ARTÍSTICA 105
SYLVIA RIBEIRO FERNANDES

A “LENDA DA FARINHA”: RELATOS ORAIS DE UMA MESMA
TRAMA TECENDO UM GRANDE TEXTO DA CULTURA EM
PROCESSO 135
MARCIO HONORIO DE GODOY

A CONSTRUÇÃO DO CORPO GROTESCO NOS MARIONETES DE ÁLVARO APOCALIPSE	161
CRISTIANE MIRYAM DRUMOND DE BRITO	
DESVENDANDO UM LABIRINTO: AS "TRADUÇÕES" DE RINA SARA VIRGILITO	181
SERGIO ROMANELLI	
MANUSCRITOS: FONTE DE PESQUISA PARA A TRADUÇÃO E A CRÍTICA LITERÁRIA	195
CRISTIANE GRANDO	
<i>POEM E NORTH HAVEN: A TRAJETÓRIA INTERSEMIÓTICA DE UMA POESIA/PINTURA NO PROJETO ARTÍSTICO DE ELIZABETH BISHOP</i>	207
ATHINÁ ARCADINOS LEITE	
THE NORTH OF BRAZIL IN BISHOP'S WORK	223
SÍLVIA MARIA GUERRA ANASTÁCIO JAQUELINE DA SILVA BARBOSA	
A PRESENÇA DO EXPRESSIONISMO EM <i>PAULICÉIA DESVAIRADA</i>	253
ROSÂNGELA ASCHE DE PAULA	
OTTO LARA RESENDE E SEU ROMANCE INACABADO	269
FLÁVIA DE OLIVEIRA NUNES	
ESTA DISCÓRDIA LATENTE QUE REINA NO CORAÇÃO DE CADA POEMA: A CONTRADIÇÃO, PRINCÍPIO CRIADOR NOS MANUSCRITOS DE SAINT-JOHN PERSE	293
ESA CHRISTINE HARTMANN	

POR UMA EPOPÉIA DO PROVISÓRIO: O LUGAR DOS CADERNOS NA RELAÇÃO ENTRE PAUL VALÉRY E A HISTÓRIA

ROBERTO ZULAR
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

RESUMO

Partindo da historicidade radical concernente aos escritos de Paul Valéry, o presente artigo realiza uma leitura dos escritos tardios de Valéry sobre a história, mostrando que eles funcionam também como uma reflexão sobre a escritura dos seus cadernos.

RESUMÉ

Partant de l'historicité radicale qui entoure les écrits de Paul Valéry, cet article propose une lecture des écrits tardifs de Valéry sur l'histoire en montrant qu'ils fonctionnent aussi comme une réflexion sur l'écriture des cahiers.

ABSTRACT

This paper presents an interpretation of Valéry's later writings about history, having as a starting point the radical historicity related to his writings. It is also discussed that these later writings function as a reflection about the writing of his cahiers.

O presente artigo visa abordar algumas questões envolvidas na relação entre Paul Valéry e a história, entre as quais duas se destacam. A primeira trata da leitura dos artigos de Valéry sobre a história como uma possibilidade de leitura dos próprios cadernos e vice-versa, e a segunda, uma tentativa de ancorar historicamente algumas questões atinentes aos anos iniciais de escritura dos cadernos, estabelecendo um paralelo com as preocupações suscitadas pelo "Projeto de uma psicologia científica" de Freud.

Para iniciar uma reflexão sobre as posições de Valéry em face da história, faz-se necessário delimitar o campo de suas críticas à situação da disciplina naquele momento, as quais, com maestria, apontam os limites de noções tradicionais, como as de Verdade, cronologia e causalidade. Retomando uma posição que aparece em vários outros campos de seu interesse, Valéry aponta o caráter arbitrário dessas noções "que têm o estrito valor da ordem alfabética". Mas essas como outras críticas às concepções tradicionais não implicam uma condenação da história, ao contrário, implicam uma necessidade de resgatá-la a partir de noções mais interessantes advindas da compreensão das operações de pensamento que a constituem e a impossibilidade de separar o sujeito que observa dos fatos observados. Mais do que isso, creio que ao resgatar esses possíveis da história, é a própria experiência dos cadernos que está em jogo.

Em uma carta a André Lebey de 1906, Valéry nos aponta para essa direção. *"Historiador de mim mesmo, eu balbucio, reconforto-me um pouco apenas me servindo de instrumentos*

minuciosamente preparados com antecedência, à parte” (VALÉRY 1957, p. 1543)¹. “Historiador de si-mesmo, servindo-se de instrumentos minuciosamente preparados” não nos remete a uma visão dos *cadernos* como um registro da história dos seus pensamentos? E mais: não pareceria plausível relacionar a dificuldade dessa história de si-mesmo, o “problema do homem velho” (a questão platônica da própria identidade tratada no aviso ao leitor de *Mélange*) à experiência dos *cadernos*? Afinal, uma das justificativas da “mistura” é de que ela seja o próprio espírito. Isto é, ao menos para Valéry, a coerência do “eu” e a coerência dos *cadernos* colocam o mesmo problema temporal. Como na célebre passagem: “Como! isto também sou eu? – disse a Serpente retorcendo-se para a ponta longínqua de sua cauda, e ela se espantava de fazê-la remexer-se de tão longe, sua e não sua.” (CAMPOS 1984, p. 12)

Além disso ao atrelar o discurso histórico às formas “de pensamento e de atenção, que são coisas essencialmente atuais” e à discussão sobre os possíveis, o “*o sentimento de que as coisas poderiam ter sido completamente diferentes, ter mudado de outro modo*” (VALÉRY 1954, p.1543), pensar a história depende de uma compreensão desses sentimentos e pensamentos, tarefa central na busca dos *cadernos*.

Na mesma carta citada acima, Valéry salienta: “*Atenção! Vã além do historiador ordinário... De tanto ter sido absorvido pelos documentos, coloque-os a teu serviço. Lembre-se que é você o principal documento*” (VALÉRY 1954, p.1544). Se Valéry está ciente de que somos nós mesmos os verdadeiros “documentos” históricos, isto nos leva a crer que escrever os *cadernos* é transformar-se em documento, vez que também eles se constituem da necessidade de “*retirar do infinito os fatos pelo julgamento de sua utilidade posterior relativa*” (VALÉRY 1954, p. 1130).

1. Todas as citações das obras de Valéry, quando não indicadas, foram traduzidas por mim.

Mas admitir a historicidade dos cadernos exige mais do que compreender a relação entre as posições de Valéry em face da história e a escrita dos cadernos, o que reiteradamente nos coloca num círculo vicioso, como se o reenvio infinito da obra de Valéry à sua própria obra esvaziasse o alcance de suas colocações. Para escapar dessa situação tentarei elaborar, de um ponto de vista o mais próximo possível da concepção de Valéry, algumas questões históricas envolvidas no início da escritura dos cadernos. Para tanto, eu seguirei uma via sugerida por Nicole Celyrette Pietri: “*O xeque da matematização do ser vivo seria então a etapa principal de uma descoberta, aquela que na mesma época Freud buscava de uma outra forma*” (1979, p. 253)

Tendo em vista o inusitado da convergência das idéias de um médico e um poeta, perpassada pela tentativa de matematização, no final do século XIX, faremos uma pequena incursão em *O Nascimento da Clínica*, onde Michel Foucault aponta a estrita ligação entre essas duas experiências desde o final do século XVIII.

Para Foucault, a experiência clínica ocupa importante papel na constituição das ciências humanas, importância não apenas de cunho metodológico, mas que por trazer a “possibilidade do indivíduo ser ao mesmo tempo sujeito e objeto de seu próprio conhecimento, implica que se inverta no saber o jogo da finitude” (FOUCAULT 1980, p. 227).

Ainda salienta o autor que “*esta experiência médica está por isto mesmo aparentada com uma experiência lírica que procurou sua linguagem de Hölderlin a Rilke. Esta experiência que inaugura o século XVIII e de que ainda não escapamos, está ligada a um esclarecimento das formas da finitude, de que a morte é, sem dúvida, a mais ameaçadora e também a mais plena*” (FOUCAULT 1980, p. 228).

Sob a dura lei do limite, da finitude, “a subjetividade terá como destino configurar-se sempre na objetividade que a manifesta e a oculta, que a nega e a funda: ‘ainda aqui o subjetivo e o objetivo trocam sua figura’. O movimento que serve de

base ao lirismo do século XIX é, de um modo que à primeira vista pode parecer estranho, o mesmo pelo qual o homem tomou conhecimento objetivo de si próprio.

Assim, não é de espantar que, em um dado momento, as preocupações de um poeta e de um médico convirjam, na tentativa de elucidar o funcionamento da mente, levando ao limite a tentativa de objetivação, aparentemente possibilitada por um viés quantitativo.

Nessa aproximação, é bastante revelador o fato de que o próprio Valéry não escaparia à tentação de atravessar as fronteiras do hospício. Em uma página do dossiê de suas "notes anciennes", do fundo Paul Valéry da Biblioteca Nacional da França, intitulada "visite à la clinique des aliénés à Montpellier", *circa* 1893, encontra-se uma série de anotações de uma aula do prof. Mairet sobre "loucura de perseguição", entendida como uma doença da inteligência, causada por alucinações e pela crença de que os outros adivinham pensamentos do doente, tendo como efeito uma total perversão dos sentidos e estando ligada a delírios de grandeza. Há em seguida duas anotações de discursos de pacientes. Um jovem oficial com "idéias de perseguição", o qual Valéry frisa que, durante o dia não apresentava nenhum sintoma e de que suas "idéias" eram de fato falsas alucinações. Segue-se o relato de uma mulher, constituído pela transcrição de seu discurso no qual as idéias encontram-se totalmente desconectadas (aparentemente não parece ser o mesmo tipo de problema do oficial).

Também no *Journal de Bord* pode ser encontrada uma lista de artigos onde constam possíveis temas, como "A variabilidade do indivíduo (Histeria, imagens dominantes, etc.)" ou ainda "The men known by inconscient reactions and mistakes".

A curiosidade de Valéry demonstra bem o interesse despertado por esses "fenômenos psíquicos", especialmente como um modo particular de produção de idéias, como se pode deduzir do caráter meramente descritivo do relato. Claro que do ponto de vista da história literária, esse interesse está ligado às questões suscitadas por Edgard Allan Poe e toda a

complexidade das questões em jogo na poesia francesa desde Baudelaire. Em relação a Poe, é interessante notar como a matematização buscada por Valéry o coloca num movimento histórico próximo do desenvolvimento das idéias de Faraday por Maxell. Como essa questão já foi bastante tratada, gostaria de frisar apenas que em ambos, tanto para compreensão daqueles fenômenos psíquicos, quanto da produção poética, bastante próximos como quer Foucault, havia um distanciamento entre as evidências perceptivas e o resultado aparentemente absurdo dessas experiências.

Esse distanciamento assemelha-se àquele que ocorria nas ciências exatas, em especial na matemática, quanto à relação entre as construções teóricas e a observação. Nas palavras de Hobsbawm, *“o processo de divórcio entre ciência e intuição pode talvez ser ilustrado através do exemplo extremo da matemática. Em algum momento de meados do século XIX, o progresso do pensamento matemático começou a gerar resultados conflitantes com o mundo real (...) como também resultados que pareciam conflitantes até aos matemáticos”* (HOBSBAWM 1988, p. 341). Configurava-se a *“falência das antigas vinculações entre matemática e a percepção do mundo”*. Neste sentido, tanto o desenvolvimento da matemática quanto o do funcionamento mental enfrentavam a mesma limitação na descrição do visível; o mesmo distanciamento entre as causas aparentes e as conclusões teóricas.

Esse entrelaçamento de preocupações, ao desdobrar-se sobre o pensamento, em especial na loucura (não mais entendida como algo simplesmente não-racional (MACHADO: 2000), efetua ainda um curto-circuito nas relações entre ciências humanas e exatas, curto-circuito este em que se encontram o *Projeto de uma psicologia* de Freud e também os cadernos de Valéry: a objetividade buscada na matemática depara-se com as questões epistemológicas desta e legitima a construção de uma teoria distanciada das evidências perceptivas.

Um fator importante nesse percurso de criação teórica é a instauração de um novo lugar para a inter-relação entre as esferas

do público e do privado. Todo o desenrolar dessa aproximação com as ciências exatas deu-se em âmbito estritamente privado: o que é evidenciado pela correspondência de cunho eminentemente científico entre Freud e Fliess, e Valéry e Feline. Ainda que o papel da correspondência seja bastante diferente daquela entre Freud e Fliess, também há, nas cartas de Valéry a Feline, um chamado ao outro supostamente representante daquele mundo objetivo.

Respeitadas as diferenças e o alcance das correspondências, importa sobretudo notar, como quer Erik Porge, que essa busca de objetividade e exatidão se configurou no âmbito privado, o que, ao contrário do que se poderia esperar, fez com que tanto Freud quanto Valéry usassem as questões suscitadas na articulação de uma esfera mais emocional e audaciosa da compreensão do funcionamento da mente, como fazem prova os cadernos e o *Projeto*, os quais, afinal, também permaneceram como escritos privados.

Infelizmente não é possível apresentar aqui a análise da proximidade entre inúmeras questões teóricas específicas desses dois escritos. Resta salientar, à guisa de conclusão, que o fato de terem levado às últimas conseqüências a busca de um tratamento objetivo da subjetividade e a experiência da limitação mesma dessa objetividade, permitiu tanto a Valéry quanto a Freud, vislumbrar o limite, não deles como indivíduos, mas da própria condição humana, o que abriu caminhos, embora diferentes, para que ambos tomassem posições teóricas inovadoras.

Mas aqui é preciso salientar a especificidade dos cadernos, o que nos faz retomar sua íntima relação com a história, tal como vista por Valéry, uma vez que a historicidade é constitutiva da sua própria escritura. Eles se constituem a partir da compreensão de que passado e futuro dependem de formas de pensamento e atenção presentes, abrindo um intervalo temporal, ao mesmo tempo retrospectivo e prospectivo, atualizado no constante devir dos cadernos, sempre dependentes de um futuro que lhes dê sentido. (O que não deixa de se relacionar com o

après coup freudiano). É como se a impossibilidade de sua sistematização acabasse por determinar a singularidade de sua constituição, sem abrir mão da busca de novas formas de objetividade. Enquanto história de si-mesmo e de seus pensamentos levados ao limite, os cadernos permitem a compreensão de dimensões históricas riquíssimas e mantêm viva a possibilidade mesma de uma experiência histórica. Entre a história e a singularidade, condições históricas e indeterminação, eles restam quase como exemplo de uma história possível, no limite da imbricação entre história, sujeito e escrita, ainda que numa “epopéia do provisório”.

Por fim, é preciso mencionar que a escrita continuada dos cadernos cria dois campos discursivos, uma esfera privada e outra pública, os cadernos e as publicações, que mimetizam a cisão perpetrada entre o que aparece, o que se dá a ver, e a dinâmica latente. Nesses anos iniciais, a passagem de um campo a outro se dá pela construção de personagens que podem ser pensados dentro dessa dinâmica histórica. Nesse sentido, ganha relevância o deslocamento histórico operado pela revisitação de Leonardo, ao mesmo tempo crítico da especialização e do estreitamento do pensamento, resgatando, ainda que com uma certa nostalgia do visível, o papel da indeterminação e da construção de um imaginário teórico, como quer Janine Jallat. Assim também podemos ver M. Teste encarnado o drama histórico dos limites do tratamento objetivo da subjetividade, encarnado que, no limite, mostra a impossibilidade de se estar fora da história, o que se confirma pela importância dada ao peso da história apontada pelo chinês do Le Yalou, primeiramente chamado “Teste en Chine”. Mas discutir esses e outros desdobramentos seria uma outra história.

BIBLIOGRAFIA

CAMPOS, Augusto de. *Paul Valéry: A Serpente e o Pensar*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

- CELEYRETTE-PIETRI, Nicole. *Valéry et le moi*. Paris: Klincksieck, 1979.
- FOUCAULT, Michel. *Nascimento da clinica*. Rio de Janeiro: Forense Universitaria, 1980. 2ª. Ed.
- HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Impérios*. Trad. Sonia Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- MACHADO, Roberto. *Foucault, a Filosofia e a Literatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- VALÉRY, Paul. *Oeuvres I*. Edição estabelecida e anotada por Jean Hytier. Paris: Gallimard, 1957.